

BOTIJA DE LEITURA: LENDO ROMANCE NA SALA DE AULA

Autor Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (1); Andréia Maria da Silva Lopes (2)

SEMEC/São José do Seridó- RN – hadoockezequiel@yahoo.com.br (1);

SEMEC/Currais Novos-RN – andrea.llopes@hotmail.com (2)

Resumo: Atualmente, no âmbito acadêmico e escolar, vem se discutindo com mais ênfase a leitura literária em sala de aula. Contudo, quando se vai para a prática, nota-se que as dificuldades ainda são muitas. Alguns profissionais sentem dificuldades de elaborar metodologias que sejam atrativas para envolver os alunos na leitura. Nos últimos anos, estudos voltados para o ensino de literatura têm adotado as proposições da Estética da Recepção, uma vez que esta corrente teórica vê o leitor como participante da obra e, portanto, elemento imprescindível para a construção de sentidos. Nessa perspectiva, o texto é aberto a possibilidades de leituras, as quais são decorrentes das lacunas existentes no próprio texto e que são preenchidas pelo leitor a partir de suas experiências como leitor e como sujeito histórico. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de leitura com o romance “A Botija”, de Clotilde Tavares, com sextos anos do ensino fundamental, de uma escola pública da cidade de São José do Seridó/RN. A metodologia utilizada foi fundamentada nos preceitos da Estética da Recepção, a partir dos estudos de Colomer (2007), Jauss (1997), Iser (2007) e Todorov (2010). Observamos que, durante a leitura da obra, os alunos faziam intervenções orais, ora estranhando, ora se envolvendo com a história. Mesmo sendo um romance, eles não reclamaram. Ao contrário, ficavam ansiosos pela leitura do capítulo seguinte. Além desses pontos mencionados, tornamos a ficção em realidade, levando os alunos a caçar a botija, escondida na própria escola, fazendo com que a leitura se tornasse significativa para eles e a leitura fosse concretizada para além da sala de aula.

Palavras-chaves: Formação do leitor, Sala de aula, Recepção.

1 INTRODUÇÃO

A literatura nos proporciona experiências que ampliam nossos horizontes e nos torna mais sensibilizados. Como afirma Candido (1972), ela tem uma função humanizadora. Logo, essa forma de arte passa a ser um direito de todos. No entanto, muitas vezes a vivência com a leitura literária não nos é concedida. Pensando nisso, acreditamos que um bom caminho para que as pessoas tenham uma vivência com ela é o ambiente escolar.

Embora a escola seja o lugar ideal para a leitura de textos literários, é nela onde se encontram os maiores problemas. No Brasil, o ensino de literatura continua pautado no viés historicista das épocas literárias, sem se preocupar com a leitura do texto e a relação do leitor com a obra. Os jovens demonstram um acentuado desinteresse pela literatura, problema esse que se constata logo nos primeiros anos de ensino. Ao saírem do Fundamental I, os alunos parecem perder o encantamento

pela literatura. Isso pode estar agregado a diversos fatores, que vão desde a formação dos profissionais até a falta de metodologias.

As metodologias que comumente são utilizadas nas aulas de literatura não estão centradas na questão do leitor e da recepção. Os textos geralmente são utilizados como ilustração de análise gramatical, não são lidos na íntegra e, quando o são, a leitura não proporciona ao leitor o direito de interpretá-los, uma vez que os sentidos para essa leitura já vêm prontos, seja pelo manual didático ou pelo próprio professor.

Ao vivenciarmos a realidade de uma sala de aula, notamos que os alunos da escola em que realizamos a experiência não tinham uma orientação de leitura para os livros que leem. Todos os dias pegavam livros na biblioteca para ser lidos em casa, contudo, ao questionarmos sobre o que leram não sabiam externar. As respostas sempre eram vazias como “é bom”, “divertida” entre outras.

Em vista disso, elaboramos um projeto de leitura preocupados na vivência do aluno com a leitura literária. Para isso, queríamos saber como seria a recepção da leitura do livro *A botija*, de Clotilde Tavares com alunos de sextos anos do ensino fundamental de uma escola pública, de São José do Seridó/RN. Nesse sentido, adotamos metodologias embasadas nos estudos da recepção.

2 RECEPÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

No percurso dos estudos da leitura literária, o foco esteve centrado nas obras, destacando-se a importância de determinados textos como exemplo de produção numa determinada época. Com isso, tinha-se como objetivo privilegiar tanto o estilo como seus autores. Essa vertente se intensificou de tal forma que até os dias atuais, no contexto de literatura, percebemos a presença de tais concepções.

Ao invés de se ter a leitura dos textos literários, objetiva-se o estudo da crítica e da historiografia. Todorov afirma que “[...] na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (TODOROV, 2010, p.27).

No processo de construção de uma identidade nacional, o estudo da literatura brasileira esteve pautado no modelo da crítica literária europeia. Esse modelo percorreu todo o século XVIII, mantendo como pontos principais a história e a crítica, norteada por uma tradição retórica e poética, abrindo no século XIX, espaço para a História da Literatura (SOUZA, 1999).

Atualmente, pesquisas têm apontado os estudos historiográficos como uma problemática nas aulas de literatura, pois ao invés da vivência com o texto, os professores estão mais preocupados em repassar conteúdos sobre as escolas literárias. Essa já é uma prática cristalizada que, muitas vezes, está



relacionada à formação dos docentes, pois como afirma Todorov (2010, p.35), “[...] antes de serem professores, eles foram estudantes”. Assim, ao chegarem às escolas, os docentes já trazem um olhar pautado no estudo historiográfico aprendido durante a graduação, e conseqüentemente, isso vai se refletir na formulação e na disposição dos conteúdos dos programas escolares.

Diante disso, acreditamos que o ensino de literatura na sala de aula deve assumir estratégias que privilegiem em primeiro lugar a leitura, seguindo as críticas dos estudos recepcionais, destacando o leitor como sendo elemento importante na construção do sentido do texto, como parte de um processo de comunicação literária.

Um elemento importante para a recepção é o diálogo que acontece entre historicidade da literatura e a obra literária com seus leitores, destacando o fenômeno de atualização, pois no processo de produção e de recepção, o texto sofre várias atualizações que são ornamentadas de acordo com o horizonte de expectativa de cada um. Tal horizonte se configura como sendo os conhecimentos prévios do leitor, acionados no momento de sua interação com o texto.

A obra literária não é um objeto existente por si só, pois ela oferece para cada observador, em diferentes épocas, um aspecto singular, “ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (JAUSS, 1994, p.25).

A obra permanecerá viva enquanto o leitor se relacionar com ela, satisfazendo assim seu horizonte a cada época, já que o processo recepcional, se realiza na atualização dos textos literários, envolvendo o leitor que os recebe, o escritor que se faz novamente produtor e, por fim, o crítico, que reflete sobre a obra. O valor estético será definido pela distância estética envolvida por alterações, pois à medida que o horizonte de expectativa se altera, a distância estética muda. Desse modo, as grandes obras são aquelas que, de acordo com suas atualizações, nos provocam, formulando assim novas questões.

Neste sentido, o processo histórico literário, de acordo com a teoria da Estética da Recepção, segue um caminho de reconstrução em que os horizontes de expectativas irão se renovando conforme o decurso de uma obra. Para Iser, as multiplicidades de representações do leitor são provocadas pelo texto, no qual a assimetria cede lugar ao “campo comum de uma situação”. Essa assimetria, pois, introduz várias possibilidades de comunicação, ou seja, o texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios (Leerstellen) no texto, que assim se oferecem para a ocupação pelo leitor” (ISER, 1979, p.91).



Diferentemente de um texto expositivo, no texto ficcional, a contabilidade de seguimentos é interrompida pelos vazios, abrindo assim, um número crescente de possibilidades, em que a combinação dos esquemas do texto exige uma seleção de quem o ler. Durante a leitura do texto ficcional, o leitor vai construindo imagens, permitindo, assim, uma compreensão.

Assim, a leitura para que o sentido do texto seja construído, é preciso uma leitura que envolva o aluno. Uma leitura em que alunos e professores possam dialogar. Colomer (2007), em estudos relacionados ao contexto do ensino na Espanha, traz considerações em torno do termo “leitura compartilhada”. Para a autora (2007, p. 144), “comparar a leitura individual com a realizada por outros é o instrumento por excelência para construir a recepção individual das obras e sua valorização”. Ainda nas palavras da estudiosa, compartilhar a leitura, não deve estar restrito à sala de aula, mas se fazer presente em outros espaços de convívio desse aluno/leitor.

O espaço da biblioteca e da família, pois, são importantes para a formação do leitor de literatura. Nessa perspectiva, vemos que um dos desafios do ensino é buscar novas metodologias de leituras que possam contribuir para a formação do leitor e para que as experiências com o texto literário se tornem mais significativas. Porém, sabemos que isso não é uma tarefa fácil, visto que muitas escolas ainda não estão abertas para essa nova concepção.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A BOTIJA

A *Botija*, romance escrito por Clotilde Tavares foi publicada em 2003. O livro apresenta uma narrativa em três partes com histórias contadas e que fazem parte do imaginário popular nordestino, cenário em que a autora conhece desde a infância. Dentre as histórias populares, encontramos “a botija”, a qual dá nome a obra. Além disso, o texto traz uma intertextualidade com a literatura de cordel, como evidenciado no diálogo com o *Romance do Pavão Misterioso*, um clássico dessa literatura.

A narrativa conta a história de um homem que resolve sair do seu lugar, no Norte de Minas para encontrar uma botija com a qual sonha desde criança, no estado do Recife. No percurso, o personagem irá passar por grandes aventuras para poder chegar ao lugar de destino. Ao descobrir onde se encontra a botija de seu sonho, descobre que tem que voltar de onde saiu, sua morada, pois é lá que a botija se encontra, no local de trabalho do personagem.

2.1 ONDE ESTÁ A BOTIJA?



Nossa ação foi desenvolvida em duas turmas de sextos anos do Ensino Fundamental II, de uma escola Pública, da cidade de São José do Seridó/RN. Para isso, utilizamos a mesma estratégia de leitura em ambas as salas. A experiência teve início no mês de setembro e se estendeu até novembro de 2017.

Para que pudéssemos investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre botijas, nas respectivas turmas, perguntamos quem deles sabia contar alguma história sobrenatural relatada por alguém mais velho. Alguns alunos levantaram a mão e contaram suas vivências.

Nesse direcionamento, eles foram apresentando relatos de aparição de fantasmas nas comunidades rurais, onde a maioria deles moravam, fatos ocorridos com eles ou com pessoas da família. Um dos meninos, afirmou que onde morava existiam umas oiticicas velhas e frondosas que ficavam na passagem da estrada e muitas pessoas relatavam que quando passavam sozinhos à noite, viam a alma de um homem seguindo as pessoas. Inclusive ele já tinha presenciado.

Com esse relato, os alunos foram se envolvendo e cada um queria contar sua história. A partir disso, organizamos a sala em círculo e apagamos as luzes para que o cenário se adequasse as contações de histórias. Em seguida, pedimos que a turma prestasse atenção e perguntamos quem sabia alguma história de botija.

A maioria disse que nunca tinha ouvido falar, porém, alguns afirmaram conhecer relatos. A turma ficou em silêncio, ouvindo o que os colegas contavam. Aos poucos, notamos que os alunos começavam a se envolver nas histórias de forma curiosa. Vez por outra, uns alunos batiam palmas, outros arrastavam cadeiras e faziam sons estranhos, causando um cenário de medo.

Após relatarem suas vivências, contamos alguns casos de botijas da memória da região, mostrando para eles o que era e como o tesouro era dado para alguém, nesse caso, por intermédio do fantasma da pessoa que havia o enterrado. Depois do toque da sirene, os alunos, em ambas as turmas, queriam que continuássemos falando sobre o tema. Acreditamos que a estratégia utilizada foi satisfatória, uma vez que conseguimos ouvir dos alunos o que eles sabiam sobre histórias sobrenaturais e quais conhecimentos tinham sobre botijas, tema da nossa ação de leitura em sala de aula.

No segundo encontro, encaminhamos uma pesquisa para casa. Nesse estudo, os alunos deveriam entrevistar pessoas mais velhas da cidade, com o objetivo de colher relatos sobre botijas. A maioria deles entrevistaram os próprios avós. No 6º ano 1, citamos a seguinte história contada pela avó de uma das alunas:



Em um dia normal, Dona Severina sonhou que se levantava da rede e ia até a janela. Assim, viu uma senhora baixinha, de vestido longo e branco, e, vinha à procura dela. Quando chegou, ela entrou dentro da casa que Severina se encontrava e falou:

- Tenho uma coisa para você!

Dona Severina ficou sem ação. A senhorinha retrucou:

- Volto sexta que vem para mostrar a encomenda. Severina não contou a ninguém para saber se o sonho realmente voltava.

Assim foi feito, na sexta-feira a mesma coisa aconteceu, chamou Dona Severina para mostrar o que tinha para ela, levou a mesma a uma parede da casa, tirou o tijolo, segurou e mostrou uma bacia lacrada e disse-lhe:

- Olhe aqui!

Dona Severina ficou amedrontada e espalhou para todos sobre o sonho, porque a lenda conta que se você contar a alguém o espírito não perturba mais, assim aconteceu.

Depois ela ficou sabendo que arrancaram a mesma botija. A pessoa reformou a casa e com pouco tempo depois faleceu.

As histórias trazidas pelos alunos foram lidas e discutidas em sala de aula. Como podemos observar no texto acima, o relato começa com a aparição de uma alma que vem dar a botija para alguém, nesse caso, a Dona Severina. Todas as contações de botijas começam assim. A alma ou aparece a pessoa ou vem em sonho. No caso desse relato, é no sonho. Também, podemos notar o desfecho, a parte em que a botija é revelada. Na maioria dos casos, a pessoa que recebe a botija, precisa ir sozinho, não podendo contar a ninguém, pois pelo contrário, a botija se encanta.

Como em todos os contos populares de botijas, as aparições sobrenaturais como besouros, abelhas, vultos, vozes entre outros, são elementos presentes que fazem com que a pessoa que vai retirá-la, muitas vezes, acaba por desistir. No caso dessa história relatada em sala de aula, Dona Severina não teve a coragem de arrancar a botija e acabou contando para alguém. Quando isso ocorre, a alma procura uma outra pessoa.

Durante a leitura compartilhada do texto, apresentamos para os alunos tais características presentes nas histórias de botijas. Percebeu-se que, embora essas histórias sejam da tradição nordestina, muitos alunos desconheciam, mostrando que aos poucos, essa tradição vai se perdendo e precisa ser resgatada em sala de aula.

No dia seguinte, já no 6º ano 2, fizemos o mesmo processo metodológico. Escolhemos as histórias pesquisadas pelos alunos e discutimos a leitura em sala de aula. Vejamos o exemplo abaixo:

Lembro que aos 12 anos de idade tive um sonho muito visível. Ao abrir os olhos, vi um clarão e umas vozes que diziam que eu chamasse meu irmão Antônio e fosse a uma tapera que ficava vizinha a minha residência e cavasse num lugar determinado que teria uma surpresa preparada para nós. Como a gente ainda era criança e sem experiência, falamos para os outros irmãos que íamos cavar uma botija.

Eles nos acompanharam e ao mesmo tempo criticavam e não levam muito a sério. Mesmo assim, acredite que cavamos de picareta e não foi difícil encontrar uma



bela caixinha de ferro de aproximadamente 40 cm de largura por 20 de altura, mas infelizmente não encontramos nada, era vazia. Meu pai falou que foi por causa dos outros que a botija se encantou.

Mais uma vez, nota-se nesse segundo relato, a questão do encantamento da botija após ser relatada a história para outras pessoas que não pertencem ao sonho ou a aparição. Seguindo o mesmo processo, os alunos discutiram a história e alguns relataram outras que já tinham ouvido dos mais velhos, contradizendo os conhecimentos prévios investigados no início da experiência. Os alunos que afirmaram não conhecer histórias de botijas nos surpreenderam contando vários casos.

Após a socialização das pesquisas realizadas pelos alunos, destacamos a importância das histórias da tradição oral para a memória local. Nas aulas seguintes, veiculamos o filme *A botija*, lançado em 2010 e dirigido por Itamar Jhonatan, em parceria com o grupo Manaíra Produções. O filme teve como objetivo, despertar os alunos pelo tema e assim, darmos início à leitura do livro *A Botija*, de Clotilde Tavares.

2.2 ENCANTANDO-SE COM A BOTIJA

De posse do conhecimento da tradição popular, apresentamos aos alunos o livro *A botija*, de Clotilde Tavares. Pedimos para que de início, eles identificassem os elementos presentes na capa do livro e em seguida explicassem o que possivelmente iria ser abordado na história. Feito a leitura da capa, disseram que iria falar de uma pessoa que tinha arrancado uma botija. Seguindo esse raciocínio, começamos a leitura. Lemos o primeiro capítulo e pedimos para que a turma desse continuidade, cada aluno lia dois ou três parágrafos de cada capítulo.

A cada aula fazíamos a leitura de três capítulos. Como a biblioteca só disponibilizava apenas um livro do romance, resolvemos fazer cópias e distribuimos por duplas. Terminado o encontro de cada aula, recolhíamos as cópias para entregar na aula seguinte.

Após a leitura, fazíamos um debate para avaliar o que os alunos haviam apreendido sobre os capítulos lidos. Para isso, elaborávamos perguntas como: O que vocês entenderam dos capítulos? Qual a melhor parte da história? O que vocês não gostaram? Com isso, fomos colhendo as interpretações dos alunos a respeito da leitura e vendo como se dava a recepção. Percebemos, muitas vezes, que eles tinham dificuldades em falar, visto que eram alunos que não tinha ainda uma cultura de leitura com debates. Antes de começarmos nosso trabalho de leitura em sala de aula, notamos que os alunos pegavam livros emprestados na biblioteca, no entanto, não havia um acompanhamento ou uma mediação para essa leitura.



A cada aula, trazíamos uma motivação para incentivar o gosto da leitura dos alunos. Essa motivação, estava relacionada com o que iria ser tratado nos capítulos escolhidos. Seguindo essa metodologia, ao tratar sobre a narrativa de aventura e amor de Evangelista e Creuza, personagens do Romance do Pavão misterioso, trouxemos para a aula, o cordel que trata dessa história.

Os capítulos que envolvem essa narrativa de cordel foram os que os alunos mais interagiram. Como tratam de uma aventura de amor, acreditamos que a temática despertou mais a curiosidade dos alunos. Sempre parávamos a leitura em um ponto estratégico para que eles ficassem querendo saber o final da história. Ao iniciarmos o novo encontro, fingíamos não saber onde a leitura tinha terminado. Eufóricos, os alunos reclamavam apontando exatamente o trecho em que paramos. Sem que pedíssemos, faziam um resumo do capítulo anterior.

Ao chegarmos à sala de aula, eles já haviam organizado as cadeiras em círculos para não perdermos tempo, na expectativa que começássemos a narrativa. Assim, distribuíamos as cópias por duplas e pedíamos para que eles fizessem a leitura. Muitas vezes ela era interrompida com indagações, ora querendo saber o que iria acontecer, ora não concordando com a situação.

Ao concluirmos a leitura dos trinta capítulos, dividimos a turma em grupos e pedimos para que desenhassem em cartolinas as passagens mais interessantes da história, uma forma de colher a recepção dos alunos quanto ao romance. Além das ilustrações, eles transcreveram os relatos pesquisados e fizemos um mural em sala de aula, expondo os trabalhos.

2.3 PROCURANDO A BOTIJA

Terminado o momento de leitura e debate em sala de aula, preparamos as turmas para a caça ao tesouro. Essa etapa foi desenvolvida da seguinte maneira: primeiramente, elaboramos um texto em que relatava uma história de um cangaceiro chamado Olho de ouro, o qual havia enterrado um tesouro na cidade de São José da Bonita, hoje São José do Seridó, cidade onde realizamos a experiência de leitura.

No texto, deixamos uma pista para que o aluno pudesse identificar o local onde se encontrava a botija. Porém, assim como o romance lido em sala de aula, os alunos deveriam voltar para a escola, pois era lá que se encontrava o tesouro. Veja abaixo o texto na íntegra:

A LENDA DA BOTIJA DE OLHO DE OURO

Hadoock Ezequiel – São José do Seridó/RN 14/09/17



Há muitos e muitos anos, na região da Bonita, um cangaceiro chamado Olho de Ouro, enterrou um tesouro muito valioso. Reza a lenda, que certo dia, Olho de Ouro vinha com sua tropa de homens e burros, trazendo vários caçuás carregados de tesouro. O bando havia saído de Campina Grande, na Paraíba, após fazer um grande roubo na fazenda do Coronel Chagas Batista. Saiu cortando caminhos na Caatinga a dentro. No dia 22 de outubro, que não se sabe o ano, ao raiar da barra, os cangaceiros avistaram o Poço da Bonita. Dizem que havia uma morena muito linda se banhado à beira do Poço.

Olho de Ouro, admirado com aquela mulher, de cabelos longos indianos, olhos negros como a noite e a pele morena avermelhada de uma cabocla, mandou que o seu bando esperasse à beira da estrada, enquanto ele se aproximava dela. Parou olhando fixamente em seus olhos feiticeiros. Ela, afastando-se um passo para trás, disse-lhe:

- Olho de Ouro, sei que tu trazes muito ouro com você. Porém, essa riqueza irá lhe trazer muitos prejuízos. Você deverá dividi-la com a população da primeira cidade que encontrar. A meia-noite, quando estiveres dormindo, ouvirás um assobio muito forte se aproximando de tu. Nessa hora, monte a sua tropa e siga viagem em direção ao Norte. Quando chegares na primeira cidade, procure um homem chamado Zé Raposa. Ele o conduzirá até uma pedra que existe no meio da cidade. Não poderás levar ninguém contigo. Pelo contrário, entrarás num mundo encantado e ninguém nunca mais o verá. Além disso, não poderás guardar nem uma moeda, pois o castigo será inevitável.

Ao chegar à pedra, grite bem alto: povo do Seridó! Deixe todo o tesouro lá e corra antes que alguém o veja. Após as recomendações, a linda cabocla deu um mergulho nas águas do Poço e nunca mais foi vista.

O cangaceiro ficou muito pensativo. Tinha vontade de prosseguir a viagem com os companheiros, mas ao mesmo tempo, tinha medo do que pudesse acontecer. Foi dormir debaixo de uma árvore centenária que havia por perto. Não contou aos amigos da visão que tivera.

Ao clarear do dia, pediu a sua tropa que fosse vasculhar a região para ver se havia alguém por perto, pois precisavam partir sem que ninguém os visse. Os cangaceiros saíram, obedecendo a ordem do seu chefe. Ao se retirarem, Olho de Ouro, amarrou os burros uns nos outros. Montou-se em um cavalo e saiu puxando todos os animais em direção ao sul. Quando os amigos retornaram, não encontraram mais nada, apenas as pegadas dos animais.

Antes de sair da região da Bonita, o cangaceiro avistou uma grande árvore frondosa. Passou então pela sua mente, esconder um pouco daquele tesouro. Desamarrou a fivela enferrujada de um velho matulão, que estava presa a uma tira de couro torcida e ressequida. Enfiou a mão dentro do matulão e pegou uma jarra de cerâmica. Ela tinha cerca de 30 centímetros e tinha um formato esteticamente bonito, com uma cintura se aproximando da boca. Retirou-lhe de dentro e sentou-se em uma pedra. Logo em seguida, encheu-a de moedas de prata e de ouro. Depois, pegou um pedaço de saco e vedou-lhe a boca, enterrando-a debaixo daquela árvore.

Antes de enterrá-la, rezou para Padre Cícero, seu padrinho de vela. Pediu proteção a todos os santos e que Jesus e Maria lhe guiasse até seu destino. Terminado o seu ritual, seguiu em direção ao Norte, procurando a primeira cidade que a cabocla havia lhe falado. Porém, na metade do caminho, um nevoeiro tomou conta dele e dos animais. Ali mesmo ele se encantou e nunca mais seus companheiros souberam do seu roteiro. Hoje só resta a lenda de sua existência e o tesouro escondido. Dizem que a única pista que possa levar alguém ao tesouro, é uma frase que diz o seguinte. **POR TRÁS DA CRUZ, A SOMBRA AZEDA GUARDA O DOCE TESOURO.**



Como podemos notar, no final do conto deixamos uma pista para que os alunos descobrissem o local onde possivelmente a botija estava enterrada, “POR TRÁS DA CRUZ, A SOMBRA AZEDA GUARDA O DOCE TESOURO”. A sombra azeda, faz relação a um tamarindeiro (árvore) que existe por trás da igreja, no centro da cidade. Os alunos logo identificaram onde era o local. Para isso, elaboramos dois mapas: um para o 6º ano 1 e o outro para o 6º ano 2. O destino seria o mesmo, ou seja, o tamarindeiro.

No percurso, os alunos deveriam passar por vários locais da cidade e cumprir alguns rituais, lembrando um pouco a tradição das histórias de botija e também o percurso que o personagem faz no romance. Assim, eles teriam que seguir pela praça, pelo mercado público até chegar ao cruzeiro em frente à igreja, onde deveriam se ajoelhar e fazer uma prece para desencantar a botija. Todo o percurso causou um certo estranhamento para algumas pessoas da cidade, que perguntavam o que estava acontecendo com tanto aluno correndo pelas ruas. Explicávamos que fazia parte de uma aula diferente e tudo acabou sendo compreendido.

Ao chegarem debaixo da árvore, seguindo as orientações dos mapas, cada turma encontrou um pequeno pergaminho pendurado nos galhos do tamarindeiro. Ao abri-los, havia uma ordem, pedindo que voltassem para a escola. Para cada turma, deixamos uma pista diferente. Para isso, adotamos uma brincadeira em que havia várias pistas. Os alunos abriam o pergaminho que orientava eles se dirigirem a determinado local da escola, como por exemplo, o portão de entrada. Ao chegar lá, encontravam novo pergaminho que direcionava a outro local da escola. Assim, eles iam seguindo uma trilha até se deparar com a botija.

Para cada turma, fizemos uma trilha diferente e ao final havia uma charada, dizendo onde estava escondida a botija. Os alunos precisavam decifrar para encontrá-la. No 6º ano 1, o último pergaminho dizia: a botija se encontra na caverna escura. A caverna se tratava de um depósito que existe na escola, um local onde é guardado o material de limpeza. Um quarto pequeno e escuro. Colocamos uma panela de barro cheia de chocolate e balinhas dentro de uma balde. Ao lerem a charada, logo perceberam que se tratava da dispensa e saíram correndo pelos corredores da escola. Combinamos que quem achasse a botija tinha que dividir com os colegas e assim foi feito.

Já para o 6º ano 2, resolvemos colocar um jarro de argila, também cheio de chocolate e balinhas. Seguindo o mesmo processo de busca. Para isso, pedimos a ajuda dos colegas de trabalho para orientar uma turma enquanto ajudávamos a outra. A escolha de esconder a botija em vasos de argila se deu pelo motivo de na tradição popular, as botijas serem enterradas em panelas ou potes de barro.



Ao final da ação, em diálogo com a Literatura de cordel e um trabalho interdisciplinar, resolvemos realizar uma oficina de xilogravura com os alunos. Na confecção da matriz da xilogravura, os alunos deveriam desenhar uma imagem do romance que eles gostaram. Ao realizarem as gravuras, notamos que a maioria tinha se identificado com o Pavão Misterioso, sendo a maior parte delas trechos dessa narrativa, representada por castelos e pavões. Portanto, percebemos que o que o aluno não consegue expor na oralidade, acaba dizendo por meio de imagens, um fato importante para analisarmos suas interpretações a respeito da leitura vivenciada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a literatura em sala de aula ainda é um dos obstáculos enfrentados por muitos professores, haja vista que no processo de mediação do texto literário precisamos de um professor leitor, bem como estudioso de novos enfoques teóricos para o ensino da literatura. No convívio na escola, percebemos o quanto é difícil a realização de sequências didáticas que contemplem a leitura um romance ou outro gênero literário.

Toda criança tem um encantamento pela literatura, seja ela nas brincadeiras orais ou no contato com o livro infantil. Porém, parece que ao ingressar no ensino fundamental II, esse encantamento se perde. É nesse período que, enquanto professores, devemos orientá-los e sensibilizá-los para a literatura. Muitos veem o texto sem uma importância para a sua formação humana. Nesse sentido, nosso trabalho percorreu caminhos que nos levaram a refletir sobre como trabalhar a literatura em sala de aula.

Ao traçar nosso objetivo e nossas estratégias, tínhamos a certeza que seria difícil conquistar os alunos, uma vez que sabemos que a maioria não tem uma aproximação com a leitura. Por outro lado, ao fazermos o levantamento de suas expectativas, percebemos que é possível levar a literatura para a sala de aula a partir do conhecimento prévio deles e, a partir disso, pesquisar um tema que esteja de alguma forma presente no cotidiano. Assim, nossa metodologia teve pontos positivos, uma vez que conseguimos despertar o interesse dos alunos para a leitura.

No decorrer de nossa sequência didática, notamos a recepção dos alunos por meio do olhar, da fala, dos gestos e, muitas vezes, através da própria rejeição diante do texto. No trabalho com a literatura em sala de aula, devemos estar atentos aos mínimos detalhes dos alunos. A partir das discussões, constatamos o quanto os alunos são carentes na oralidade, na dicção e na interpretação do texto. Muito ainda precisa ser feito para que se possa mudar essa realidade. Contudo, o trabalho que

realizamos já é um caminho de abertura para futuras leituras. Pela metodologia utilizada, com motivações, leitura em voz alta e compartilhada com todos, notamos que há possibilidades de um envolvimento mais significativo.

Ao adotarmos metodologias baseadas na Estética da Recepção, vimos que o trabalho com o texto literário em sala de aula é possível. Além dos alunos despertarem o gosto pela leitura, aprenderam a construir sentidos para o texto lido, bem como desenvolveram habilidades de leitura. Notamos que a maioria deles, após essa ação, melhorou o desempenho nas interpretações de texto em atividades na sala de aula. Além disso, se observou mais interesse em ler outros textos.

REFERÊNCIAS

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (sel., trad. Introd.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

JAUSS, Hans. Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Telleri. São Paulo: Ática, 1994.

TAVARES, Clotilde. **A botija**. São Paulo: Editora 34, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2010.